



Editorial

A REDE DA ÉTICA E OS GOLS DA VERGONHA

Viana celebrizou-se, de repente, nas manchetes dos jornais do mundo inteiro. Da Itália à Argentina, da França aos Estados Unidos, todos os jornais noticiaram a façanha de uma goleada de 11 gols sobre a equipe de Chapadinha, sendo nove marcados em apenas nove minutos. Viana virou manchete internacional como protagonista de uma fraude que envergonha o futebol brasileiro. Vejam bem, não é só o futebol vianense nem o maranhense, mas o futebol brasileiro.

Antes, décadas atrás, o futebol vianense destacou-se nacionalmente pelas chuteiras de dois ídolos que despontaram nos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foram eles: Canhoto e Expedito Gonçalves. Aqui, mais recentemente, os vianenses ainda conservam na memória os nomes dos ídolos da sua seleção que, nos anos 60, venceu dois campeonatos intermunicipais.

Quem pensa que o futebol não é coisa séria, engana-se. Desde os tempos antigos, na Grécia e em Roma, os esportes eram cultuados como prática de formação dos grandes guerreiros, tanto no aspecto físico como moral. *Mens sana in corpore sano*, diziam os romanos. O que significa mente sã em corpo sã. Se o corpo estava bem, a mente necessariamente produziria boas idéias. Uma boa educação deveria ter em vista tanto o vigor intelectual como o físico. O culto aos esportes provocou o nascimento das Olimpíadas, até hoje consagradas como o grande momento da confraternização dos povos, pela exibição e disputa dos seus jovens atletas nas diversas modalidades de esportes.

A ética também está associada ao futebol. Sem ética não há esporte sadio. O respeito pelo adversário, pelas regras do jogo, pela torcida, pela lisura dos resultados, tudo isso é exigência da ética.

Wellington, o comandante inglês que venceu Napoleão, em Waterloo, ao visitar seu antigo ginásio, apontou para o a quadra de esportes e disse: "Foi aqui que venci Napoleão". O velho militar inglês queria dizer que foi no exercício do esporte que forjou a fibra do seu caráter, dando-lhe condições de se tornar um grande homem.

Que exemplo pode-se tirar, para os futuros esportistas vianenses, dessa façanha vergonhosa que rasgou a rede da ética por onze vezes seguidas, em curtíssimo espaço de tempo? Que explicação pode ser dada à história do futebol vianense?

Nada justifica a ganância de ganhar, apelando para os meios sórdidos. Os fins não justificam os meios, se estes são contrários à moral e causam repulsa na sociedade. De que adianta conquistar a primeira divisão, no futebol, se na ética fica-se colocado na última avaliação, no fundo do poço?

Ligar o nome de Viana a uma fraude tão escancarada, deixa-nos com a dignidade ofendida e a vontade de escondermo-nos no fundo do nosso lago ou enrolarmo-nos em nossa bandeira.

ANTIGA CASA AMARELA DE VIANA

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE/ROCHINHA

Psiu, psiu. Oh lá! Venha cá! Venha ver a verdade. O barateiro desta cidade. Ver e crer.

Éra dessa forma que o comerciante Victor Hugo Soeiro fazia a propaganda de sua loja no jornal "A Época" nos idos de 1929/1930. Segundo os anúncios publicados semanalmente, a **Casa Amarela de Portas Verdes**, situada à Rua Cônego Hemetério nº 9, ofertava aos clientes *completo sortimento de fazendas, calçados para homens, senhoras e crianças, além de estivas, miudezas, ferragens, louças, vidros, óleo, tintas e perfumarias*.

Passados mais de 70 anos, a outrora imponente casa amarela de portas verdes encontra-se, atualmente, em deplorável estado de abandono, não denotando nem de longe o memorável apogeu e sua importância para a história do comércio vianense.

De linhas que lembram o estilo neoclássico, o prédio perdeu a antiga platibanda, parte do reboco das paredes e a tradicional cor amarela de sua fachada. Internamente, a situação não difere do aspecto externo. Contudo, o casarão resiste ao tempo e mantém praticamente intacta quase toda a arquitetura original, sendo o único da cidade que possui uma sacada externa.

Construída pelo comerciante Victor Hugo Soeiro, para sediar a loja no andar térreo e a residência no andar superior, a casa amarela de Viana atraía não somente a fina clientela da cidade (interessada nos tecidos e perfumes nacionais e estrangeiros) como também fregueses oriundos dos povoados em busca de estivas e miudezas.

Seu proprietário marcaria igualmente a cultura local com suas pilhérias ou pelo serviço de "alto-falante" que entretinha as



Detalhe da sacada externa e uma vista geral da antiga Praça Duque de Caxias com o imponente prédio ao fundo (destaque)

noites vianenses com músicas e modinhas famosas, numa época em que o rádio ainda não havia chegado. A memória coletiva guardaria, principalmente, a divertida rivalidade que ele mantinha com o alto-falante do também comerciante Daniel Gomes.

Depois de passar pelas mãos dos empresários Oiana Cardoso e Feliciano Gonçalves, o prédio foi adquirido pelo ex-prefeito

Walber Duailibe. De acordo com informações colhidas junto ao Cartório de 1º Ofício de Viana, o imóvel encontra-se penhorado, devendo ser levado a leilão público em breve.

Fazemos votos para que seu futuro proprietário possa sensibilizar-se com a importância histórica do prédio e assim melhor conservá-lo, posto que é patrimônio da cidade.

DOM XAVIER GILLES



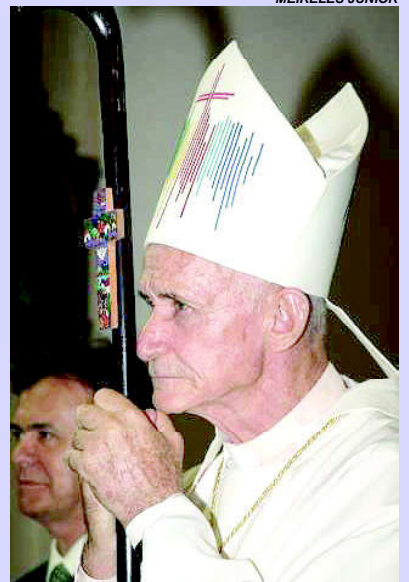
O jovem padre Xavier, quando chegou ao Brasil em 1962

Como acontece anualmente, no mês de novembro, a AVL presta homenagem a uma personalidade, cujo trabalho e exemplo de vida dignifiquem nossa cidade. Neste ano de 2009, o grande homenageado será D. Xavier Gilles de Moupeou d'Ableiges, bispo da Diocese de Viana.

Esta merecida homenagem deveria ter-se realizado no ano passado, quando D. Xavier completou uma década de serviços prestados à frente do rebanho católico vianense. Em virtude, porém, de compromissos pastorais inadiáveis que o impossibilitaram de se fazer presente à nossa reunião, a homenagem ficou postergada para este ano.

Assim, na reunião solene do próximo dia 28 de novembro (sábado), a realizar-se na Igreja Matriz às 20 hs, esta agremiação cultural fará a entrega da placa de "Honra ao Mérito Vianense" a D. Xavier, como singela expressão de reconhecimento e gratidão da comunidade local a esse cidadão do mundo que, um dia, soube colocar sua vida a serviço da construção do reino de Deus.

A AVL espera contar com a presença de representantes de todas as paróquias da cidade nessa noite de conagração em torno de seu pastor.



MEIRELES JÚNIOR

Cartas recebidas

IGREJA MATRIZ

Brasília, 9/set/2009.

Senhor Presidente,

Envio esta mensagem para demonstrar minha tristeza e preocupação, como vianense, após a leitura do editorial da última edição do Renascer.

O estado deplorável que se descreve ali da Igreja da Matriz, santuário de todos os vianenses, demonstra a falta de sensibilidade a que chegou a população da minha cidade.

Deixar uma igreja, que tanta história carrega em suas pedras, ao abandono material é uma omissão imperdoável. O que houve com a sensibilidade da comunidade católica vianense?

Mesmo de longe, faço um apelo à liderança do atual sacerdote responsável pela Paróquia e à população, em geral: não deixem a Igreja da Matriz se acabar como está se acabando o Sobrado Amarelo e tantos outros casarões históricos da cidade.

Que seja, ao menos, por respeito à pia batismal que ali existe, onde gerações de vianenses se batizaram.

Ivane Silva Furtado
Assessora Técnica
Ministério da Justiça

PLANTAÇÕES DE ARROZ

Rio de Janeiro, 30/out/2009.

Prezado Luiz Alexandre,

Estive em visita recente à nossa Viana e me surpreendi com as plantações de arroz no leito do lago. Fui informado que o promotor de Justiça da cidade havia enviado um documento proibindo as plantações até que fosse feito um estudo do impacto ambiental e que mesmo assim ninguém obedeceu.

A que ponto chegaremos, quando nem mesmo uma autoridade é respeitada ou se faz respeitar pelas vias legais? Para que serve o Ministério Público? Não é para defender os interesses da sociedade? Como é que fica a imagem dessa instituição perante a população local?

Sinceramente, gostaria que esta minha indignação fosse publicada, a fim de que as centenas de vianenses espalhados pelo país ficassem cientes do que ora acontece em Viana.

Raimundo Honório Botelho
Artista plástico

ESTUDANTES HOMENAGEIAM AS NOVAS CORES DA BANDEIRA VIANENSE

GRAÇA CUTRIM



BAIANINHO



Devidamente restaurada em sua verdadeira identidade, nossa bandeira recebeu o merecido reconhecimento da juventude estudantil local no último desfile cívico de sete de setembro. Na oportunidade, todas as escolas participantes da parada souberam exibir orgulhosamente a bandeira de Viana com

suas verdadeiras cores.

A Unidade de Ensino Estevam Carvalho foi mais além ao criar um pelotão feminino, onde cada fileira representava uma das listras da bandeira, conforme atesta uma das fotos acima. Fazendo uso da criatividade, a direção da referida escola soube prestar significativa homenagem ao nosso símbolo mai-

or, ao mesmo tempo em que divulgava o significado de suas três cores: o azul, o branco e o verde.

No ano em que a bandeira vianense completa 90 anos de criação, nada mais importante e promissor do que receber, como presente de aniversário, o reconhecimento e a homenagem da juventude da terra.

Plantações de arroz novamente tomam conta do leito do lago

NONATO ARAGÃO



Em atendimento à denúncia veiculada por este jornal em sua edição de nº 23 (fevereiro/2009) referente ao cultivo de arroz em pleno leito do lago de Viana, o promotor de Justiça da Comarca de Viana, Raimundo Benedito Barros Pinto, no dia 2 de setembro último, recomendou a não continuação dessa nova prática, até que a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais do Maranhão – SEMA – proceda ao estudo e respectivo relatório de impacto ambiental, conforme disciplina a lei (Resolução CONAMA nº 01 de 23/01/1986).

O documento, expedido por aquela autoridade, reconhece a

gravidade do perigo que representa o plantio desordenado de arroz nas margens dos lagos de Viana e Cajari, bem como o uso de agrotóxico nas plantações causando danos ao meio ambiente, inclusive do Igarapé do Engenho, de onde é abastecida grande parte da água consumida neste município. O mesmo documento lembra ainda que as áreas em volta dos campos inundáveis ou ao redor das lagoas, lagos ou reservatórios d'água, naturais ou artificiais, são de preservação permanente, de acordo com o Artigo 2º da Lei 4.771 de 15/09/1965.

Entretanto, em que pese tal recomendação, a recém-criada As-

sociação dos Plantadores de Arroz de Viana desconheceu completamente a orientação do representante do Ministério Público e o resultado é o que se pode ver na foto que ilustra esta matéria: o leito do lago completamente tomado por plantações de arroz pelo segundo ano consecutivo.

Frente à evidente demonstração da falta de preocupação com o nosso frágil e já tão degradado ecossistema lacustre, por parte das autoridades que deveriam proibir efetivamente essa prática, pergunta-se: é justo acelerar a poluição de um bem comum do povo em benefício de apenas algumas dezenas de famílias de plantadores?

Secretaria de Cultura do Estado estuda projetos para Viana

No dia 16 de setembro, uma comitiva chefiada pela vianense e atual Secretária Adjunta de Estado da Cultura, Marlilde Mendonça de Abreu, esteve em visita à cidade com a finalidade de verificar de perto a situação física da Igreja Matriz, as ruínas do secular sobrado amarelo e alguns outros casarões antigos que compõem o acervo colonial de Viana.

A visita atendia ao apelo enviado à Secretaria de Estado da Cultura, através de ofício assinado pelo Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana, Academia Vianense de Letras, Fundação Conceição do Maracu, Paróquia N. S. da Conceição e Diocese de Viana, em favor da precária situação de nossa catedral, denunciada uma vez mais na última edição do *Renascer Vianense*.

Após a visita de inspeção, a equipe reuniu-se em São Luís, na tarde do último dia 6 de outubro, para avaliação e discussão de propostas com o objetivo de resolver, prioritariamente, o caso da catedral de Viana, marco de fundação da cidade pelos padres jesuítas.

Além da Secretária Adjunta da Cultura e da Superintendente do Patrimônio Cultural do Departamento do Patrimônio Histórico do Estado, Margareth Figueiredo, esti-



Presidida pela Secretária Adjunta, Marlilde Mendonça de Abreu, a reunião contou com as presenças de Margareth Figueiredo, Leopoldina Barros, Ednilson Costa, Luiz Alexandre Raposo e Maria da Graça Cutrim

veram também presentes à reunião o presidente da AVL, Luiz Alexandre Raposo, a acadêmica Maria da Graça Cutrim, a Secretária Adjunta de Gestão e Modernização do Estado, a também vianense Leopoldina Amélia Barros (Lipu), e o restaurador Ednilson dos Santos Costa.

Durante o encontro, após rápida explanação sobre as impressões e informações colhidas em Viana, a arquiteta Margareth Figueiredo explicou que o projeto de restaura-

ção da Igreja Matriz, providenciado por D. Xavier em 2005, encontra-se incompleto, já que não foram incluídos ali os projetos hidráulico e elétrico da igreja. Mas prontificou-se a buscar ajuda dos demais arquitetos e engenheiros do DPH, a fim de que essas pendências possam ser resolvidas. Uma vez concluído todo o projeto de restauração é que poderá ser orçado o valor final da obra. O passo seguinte ficará a cargo da Secretaria de Es-

tado da Cultura, que deverá estudar as viabilidades de alocação dos recursos necessários para a recuperação da catedral de Viana.

Sobre o sobrado amarelo, a fim de evitar-se o desmoronamento completo de sua fachada (o que poria em risco vidas humanas) foi discutida a alternativa de colocação de vigas de sustentação, enquanto não há definição, por parte de seus proprietários, quanto ao futuro do prédio em ruínas.

Na mesma oportunidade, a imagem de madeira de N. S. de Nazaré foi examinada pelo restaurador Ednilson Costa, que fez um prévio diagnóstico do estado atual da peça e propôs algumas interferências viáveis com o objetivo de preservar, o máximo possível, suas características originais. Em seguida, foi proposto o caminho mais rápido e adequado, dentro dos trâmites legais, para que o Estado possa arcar com os custos do trabalho de restauração.

A idéia da fundação de um museu em Viana, o qual pudesse reunir vários objetos e peças de valor memorialístico para a cidade também constou da pauta da reunião.

A AVL espera que tais encontros e discussões possam realmente resultar em ações concretas para esta cidade tão carente da atenção dos poderes municipal e estadual.

CONHECENDO OS SÍMBOLOS E MONUMENTOS DA CIDADE

IMAGEM DE N. S. DE NAZARÉ

Por mais de um século, Nossa Senhora de Nazaré foi venerada em festa que se realizava, nesta cidade, durante o luar de novembro. Segundo cronistas da época, nas primeiras décadas do século passado, a festa já conseguia se inserir no calendário religioso do Estado, atraindo assim grande número de romeiros não somente dos municípios circunvizinhos como da capital, São Luís.

Sobre uma pequena faixa de terra, à beira do lago, a mais ou menos dois quilômetros da cidade, erguia-se a pequena igreja branca de N. S. de Nazaré. Segundo o jornalista Travassos Furtado (1912 – 1988), “o largo da igreja ficava apinhado de barracas de todos os tipos, com roletas e venda de bebidas, doces, mingau de milho, arroz de toucinho, peixe frito, galinha assada etc.. A afluência às ladainhas era a maior possível, ficando a capela totalmente cheia, durante o novenário.”

Em que pese tamanha tradição, com os novos rumos tomados pela Igreja Católica, após o concílio Vaticano II, a festa de Nazaré deixou de existir desde 1964. O local onde outrora se erguia a pequena ermida, hoje, pertence a particulares. E durante muito tempo desconheceu-se o paradeiro da pequena imagem de madeira de Nossa Senhora de Nazaré que, em cima de uma biana colorida, era conduzida em procissão pelos campos verdejantes, sob cânticos, foguetes e orações dos fiéis.

Julgava-se que a imagem, que mede apenas 23 cm, também hou-



A imagem sacra já bastante deteriorada pelo tempo



A relíquia recebendo os primeiros tratamentos do restaurador Ednilson Costa

vesse desaparecido juntamente com tantas outras peças do outrora rico acervo sacro vianense, durante o bispado de D. Adalberto de Paula e Silva, nos anos 1980. Entretanto, para surpresa e alegria daqueles que zelam pela memória de Viana, recentemente a imagem foi localizada nas mãos de Maria da Natividade Soeiro (Mariínha), descendente de um dos principais incentivadores e responsáveis pela devoção à Virgem de Nazaré, o lendário Catão Soeiro.

Em virtude de sua antiguidade e dos desgastes naturais do tempo, a imagem necessitava de pequenos re-

paros que lhe pudessem devolver as cores e aparência originais. Pensando assim, Mariínha confiou a imagem à guarda temporária desta agremiação que, através de ofício, solicitou à Secretaria de Estado da Cultura (SECMA) o apoio financeiro para a contratação de um restaurador, a fim de que a relíquia possa receber os cuidados técnicos de um profissional habilitado para tanto.

Em maio de 2010, estima-se que a imagem já devidamente restaurada retorne a Viana. A Secretaria de Cultura do Estado pretende organizar, com o apoio da comunidade ca-

tólica vianense, uma festa digna da recepção da santa, ou seja, com procissão, banda de música, missa, foguetes e tudo mais.

Caso o museu de Viana venha realmente a ser inaugurado, a SECMA também almeja que Mariínha Soeiro permita que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré possa ser exposta à visitação pública, em altar que lhe será especialmente preparado naquela casa. Desse modo, todos os vianenses poderiam conhecer e admirar uma peça sacra de grande valor histórico e sentimental para a cidade.

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE

JUJU SILVA

Biografia de um fazendeiro vianense

Luiz Alexandre Raposo

No último dia 19 de setembro, a Fazenda Santo Antônio, em Santanhinha (hoje município de Matinha), despertou sob alvorada festiva e estourou de muitos foguetes. Naquela manhã de sábado, a família Mendonça Silva reuniu-se para a comemoração dos 92 anos de vida de seu patriarca, Juju Silva.

Nascido em 14 de setembro de 1917, Francisco Alves da Silva tinha agora ao seu redor, além dos filhos, noras, genros, netos e bisnetos, grande número de amigos e velhos conhecidos. Todas essas pessoas, ali reunidas, tinham como objetivo festejar a longevidade daquele homem, cuja história singular de vida transformara-se num exemplo para quantos o houvessem conhecido.

Ao som dos acordes musicais da banda “Maestro José Piteira” e ao lado da atual companheira, Léa Azevedo Barros, Seu Juju, como é mais conhecido, recebia com satisfação os cumprimentos e abraços de dezenas de convidados que não paravam de chegar para participar do churrasco em sua homenagem, o qual se estenderia pelo resto do dia.

Vida de muito trabalho

Filho de Alfredo Alves da Silva e Adêmia Amaral da Silva (D. Moça), Seu Juju tem uma longa história de vida para contar aos descendentes. Seu avô era português e trazia o sobrenome Silva, certamente um dos membros da numerosa família lusitana que mais contribuiu para a colonização e povoação do Brasil.

Por gostar de cantarolar uma marchinha de carnaval, famosa na época, que tinha o título de “Juju”, ganhou esse apelido ainda na infância. Criado numa sociedade bem diferente dos tempos atuais, na qual a educação se baseava na disciplina, no trabalho e na rígida obediência aos mais velhos, o garoto acostumou-se, desde cedo, ao universo de uma fazenda de gado típica da Baixada Maranhense.

O aprendizado escolar também constava na pauta das ocupações das crianças, mesmo numa localidade distante como o Aquiri e com todas as dificuldades de transporte da época. Sua alfabetização e as primeiras séries do antigo primário passaram pelas mãos das dedicadas professoras Faraídes Leitão e Maroca Castelo.

Assim, enquanto familiarizava-se com as primeiras letras já assumia tarefas e responsabilidades, como era comum naqueles idos. Trabalhando com o pai, ao lado do único irmão, Djalma, aprendeu a encarar com naturalidade a vida dura e os desafios constantes da rotina diária de um vaqueiro da região. Montado a cavalo, enfrentando sol e chuva, secas e enchentes, ano após ano, foi acumulando experi-

ências e assimilando conhecimentos pertinentes àquele mundo. Certamente todo esse aprendizado lhe seria de grande utilidade algum dia, quando precisasse administrar sua própria fazenda.

Os matrimônios e os filhos

Entretanto, a juventude de Juju Silva não seria gasta apenas com o trabalho. Como é natural na vida de todo jovem, também havia tempo para as diversões e farras próprias da idade. Amante inveterado do carnaval (num tempo em que as famílias tradicionais vianenses prestigiavam os bailes carnavalescos regados a confetes, serpentinas e lança-perfumes), Juju não hesitava em abandonar o campo e mudar-se para a cidade, por efêmeros quatro dias, a fim de curtir intensamente o período de folia.

Foi justamente nesses bailes que se consolidaram o namoro e a paixão por uma moça oriunda de uma das famílias de criadores mais antigas e mais importantes do município de Viana. Desse modo, aos 23 anos, em fevereiro de 1941, o vaqueiro folião casou-se com Bárbara Mendonça (Babita), dois anos mais jovem que ele. O primeiro matrimônio, em plena juventude, lhe daria os cinco primeiros filhos, a saber: Aldeíde, Alfredo, Altevir, Aldenira e Celso. Infelizmente, porém, a morte prematura da esposa acabaria com uma união de apenas sete anos. Aos 28 anos de idade, grávida de sete meses, Babita sofreu uma queda de cavalo que lhe provocaria uma hemorragia interna e o óbito logo no dia seguinte.

Viúvo de forma inesperada e com cinco filhos menores para criar, Juju precisou recorrer ao auxílio da cunhada, Maria, que veio residir na fazenda para tomar conta dos sobrinhos. Não demorou muito para que a irmã mais velha de Babita se tornasse sua 2ª esposa, oficializando uma união que se estenderia por longos 43 anos. Maria Mendonça não somente ajudou a criar os cinco sobrinhos-enteados como ainda lhe deu mais três



filhos: Mariano (Nhô-Nhô), Francisco, e uma nova Bárbara, igualmente apelidada de Babita.

Maior fazendeiro da região

Por esse tempo, Juju já havia herdado a antiga fazenda de seus pais, adquirindo a parte que pertencia ao irmão, Djalma Silva. Com afinco, trabalho e muito suor, os negócios no ramo da pecuária progrediram com o passar do tempo, rendendo-lhe bons lucros e fazendo crescer seu rebanho de animais, que chegou algo em torno de duas mil cabeças de gado.

Esse período de vacas gordas também lhe rendeu muitas viagens à capital, para finalizar negócios ou acertar novos contratos com os matadouros ou diretamente com marchantes conhecidos. Naqueles tempos, quando a Baixada ainda não dispunha de rodovias, o transporte do gado para São Luís consistia numa operação trabalhosa e demorada. Depois de selecionadas e separadas, as reses

eram tocadas até a Beira da Baixa, onde eram embarcadas em gambarras (grande embarcação de dois mastros, própria para condução de gado).

Seu Juju perdeu as contas de quantas viagens empreendeu nessas empreitadas e tampouco saberia dizer quantos dias gastos ou quantas noites passadas ao relento com seus vaqueiros, no porto da Beira da Baixa, à espera da maré ou da embarcação para despachar o gado.

Mas tudo valia a pena, pois além da satisfação com os resultados financeiros positivos dos negócios, o próspero fazendeiro e sua dedicada esposa tinham ainda a alegria de ver os filhos crescerem sadios e de poder encaminhá-los, na idade certa, para estudarem em Viana.

Missão cumprida – Já com todos os filhos encaminhados, aos 75 anos de idade, Seu Juju Silva enviuvou pela segunda vez. Vítima de insuficiência respiratória e problemas cardíacos, D. Maria Mendonça faleceu em 23 de fevereiro de 1992.

Decidido a não passar sozinho o resto de sua vida, Seu Juju partiu para a terceira união, desta vez com Léa Barros, também viúva de um ex-vaqueiro que trabalhou em sua fazenda. Atualmente o casal reside em São Luís, mas viaja quinzenalmente a Santanhinha com o propósito de verificar pessoalmente as atividades da pequena fazenda (com 300 cabeças de gado) de sua propriedade.

Do alto de seus 92 anos, Seu Juju Silva considera-se um homem feliz e realizado. Pai de nove filhos, tornou-se avô de 26 netos e 23 bisnetos. Uma prole numerosa para honrar seu nome e transmitir às gerações vindouras sua história de vida e de amor ao trabalho.



A segunda esposa, D. Maria Mendonça, falecida em fevereiro de 1992



O fazendeiro em visita à Cidade Maravilhosa, no final dos anos 60



FOTO PARA A POSTERIORIDADE: os filhos Heitor, Aldeíde, Mariano (Nhô-Nhô), Alfredo, Bárbara (Babita), Celso, Altevir (com o filho Rafael no colo) e Francisco posam com o patriarca da família e sua esposa, D. Léa



Seu Juju e D. Lea: terceira e feliz união na vida do fazendeiro quase centenário



Momento de ternura: carregado pelo irmão Gabriel, o neto Rafael expressa também seu carinho pelo velho guerreiro



Os netos Luciana e Celso Júnior unem-se aos tios e pais na comemoração pela vida do fazendeiro bem-sucedido



Seu Juju, rodeado pelo carinho dos filhos Altevir, Alfredo e Celso, e da companheira, Léa, no momento do “Parabéns p’ra você”



A satisfação do grande homenageado ao cortar o bolo de seu 92º aniversário



O empresário Altevir Mendonça Silva e a esposa Manu (Emanuele), proprietários da Fazenda Santo Antonio, local escolhido para a recepção ao aniversariante e seus convidados



Tendo nascido no início do século passado, Seu Juju Silva é um dos poucos remanescentes de uma época que muitos vianenses da atualidade mal conseguem imaginar. Sua infância sem rádio, televisão, videogames, internet e todo aparato tecnológico tão comum aos meninos de hoje, teve, em compensação, a imensurável ventura de desfrutar de uma natureza ainda quase intocável.

Criado à beira do campo, gozou da liberdade que toda criança deveria ter: banhou em igarapés e rios, aprendeu a pescar e a remar no lago, armou arapucas para pegar passarinhos, caçou nas matas, apanhou e comeu frutas nas próprias árvores e ainda presenciou cenas inapagáveis de sua memória, como bandos de emas correndo pelos campos do Aquiri ou o verdadeiro espetáculo, de cores e sons, proporcionado por aves migratórias que cruzavam os céus daquelas bandas, várias vezes ao ano.

Quando rapaz solteiro, adorava as festas e os namoros daí advindos. Bailes de São Gonçalo, bailes de carnaval no prédio da Prefeitura, ou ainda as tradicionais festas religiosas de largo com bandas de música, como as de São Benedito, Santo Antônio, e da padroeira de Viana, N. S. da Conceição. De todas, entretanto, suas prediletas eram a de São Sebastião, realizada no mês de janeiro e que tinha o baile de encerramento como o 1º grito do carnaval, e a de N. S. de Nazaré, pela grande afluência de pessoas e pelas corridas de cavalo, no último domingo, com prêmios ofertados aos vencedores (ele sempre participava dessas divertidas disputas).

Já homem feito, como fazendeiro, viajou várias vezes a bordo dos confortáveis vapores que faziam a linha São Luís-Viana. Conheceu e privou da amizade de pessoas conceituadas no meio social vianense como o padre Manoel Arouche, os líderes políticos Mundico Campelo e Benedito Gomes, o músico Zé Piteira, a enfermeira Santinha Neves, ou as professoras Faraíldes Campelo, Santoca e Raquima Gomes. Colegas de sua geração foram eleitos prefeitos da cidade, como Eziquiel Gomes, Lino Lopes, e o cunhado Acrísio Mendonça.

Quase um século se passou, é verdade. Seu Juju Silva se orgulha de ter vivido e testemunhado todo esse período de grandes e significativas transformações. Mas, sobretudo, sente-se mais feliz por estar vivo, lúcido e gozando de boa saúde para poder continuar aproveitando os bons momentos da vida, como essa grande festa de aniversário promovida pelos filhos.

CORONEL CAMPELO

Um vianense “roxo de amor” por sua cidade

Luiz Alexandre Raposo

Conhecido por seus contemporâneos simplesmente como Mundico Campelo, esse homem desenharia uma trajetória de vida que lhe faria merecedor de uma das mais significativas homenagens póstumas prestadas a um vianense: ter seu nome escolhido para denominar uma das três principais ruas de sua cidade natal.

Ao contrário do professor Antônio Lopes que alcançou notoriedade intelectual por sua atuação na capital maranhense, ou do engenheiro Raimundo de Castro Maia que conseguiu prestígio político e cultural na então capital do país (ambos igualmente distinguidos com a mesma homenagem), o futuro Coronel Campelo ganharia destaque pelo trabalho desenvolvido aqui mesmo, em prol de sua comunidade.

Nascido no dia 2 de junho de 1874, Raimundo Marcelino Campelo viveu até os 71 anos de idade. Ao falecer, em 10 de outubro de 1945, deixava rivais e desafetos na política local, mas havia provado, ao longo de sua militância, o interesse primordial pelo desenvolvimento do município e pelo bem-estar da população.

Segundo uma de suas netas, Maria do Socorro Silva Coelho, conhecer a história de Raimundo Marcelino Campelo não é apenas conhecer uma biografia fascinante, mas tentar compreender a atitude de toda uma geração, perante os seus problemas, suas angústias e suas esperanças.

Realmente, é preciso transportar-se para uma Viana do início do século passado, com todas as carências materiais e distâncias geográficas da época para melhor entender-se o civismo que palpitava nos corações dos filhos desta terra. Isolados e privados do contato direto com o mundo exterior, as pessoas alcançavam a plenitude da vida social e comunitária, mantendo-se assim bem distantes do egoísmo e do individualismo tão exacerbados dos dias atuais. E foi nesse contexto que a determinação e o espírito de luta de Mundico Campelo o conduziram ao posto de chefe político local.

O líder político - Prevaleciam então em Viana dois tradicionais partidos políticos, ambos com direção regional em São Luís: o Conservador e o Liberal. O primeiro, apelidado de partido do “Pau roxo”, tinha justamente no Coronel Campelo o líder e eixo de convergência dos principais talentos políticos da época, como o também Coronel Ulisses Leopoldino Rodrigues, Antonio Serafim da Costa (eleito prefeito da cidade por duas vezes), Leonel Alves de Carvalho, João Balby, João de Parma, Marcelino Piedade, Alteredo Nogueira, Heitor Piedade e vários outros. Embora nunca tenha assumido o cargo de prefeito, era ele que, graças ao enorme prestígio junto ao eleitorado vianense, colocava à frente do po-



Raimundo Marcelino Campelo quando ainda jovem



Nesta esquina da Rua Grande, existia o casarão colonial de amplas janelas onde residiu e faleceu o Cel. Campelo. No início da década de 60, depois de adquirida pelo comerciante Claudiné Silva, a casa sofreu drástica reforma que lhe destruiu completamente a arquitetura original

der municipal o afiliado que julgasse merecedor de tal responsabilidade.

A militância política do chefe do partido roxo lhe rendeu inúmeras vitórias que lhe proporcionaram grandes alegrias. Entretanto, como é natural na vida pública, sua atuação provocaria também muitas críticas dos opositores e decepções pessoais. O jornal “A Época”, que circulou em Viana entre 1929 a 1932, registrou al-

guns de seus desabafos.

Ficariam célebres também suas artimanhas e manobras políticas, a fim de manter-se no poder. Talvez o caso mais marcante tenha ocorrido durante a famigerada Revolução de 30, que conduziu Getúlio Vargas ao comando da nação brasileira. Ao aportarem em Viana os ecos dessa revolta, no final de outubro daquele mesmo ano, o ardiloso cacique imediatamente depôs da

prefeitura seu aliado, Mundico Serra (Raimundo Nonato Serra Nunes), dando posse ao próprio genro, Nhô Santos (José Fernandes da Costa Santos), como “prefeito revolucionário”. A troca, conceituada pelos adversários de “revolução de cozinha”, deslançaria uma das mais sérias disputas pelo poder da história política de Viana.

Rivalidades políticas à parte, Raimundo Marcelino Campelo foi um incansável batalhador na busca por melhorias para a cidade. Entre estas, a preocupação pela educação da juventude vianense foi, certamente, sua principal bandeira. Recebendo o apoio de vários governadores do Maranhão, que o tinham como um dos líderes políticos mais importantes do interior do Estado, não media esforços para amenizar as carências da educação local. A fundação do Grupo Escolar Estevam Carvalho, em 1924, contou com sua importante iniciativa. Do mesmo modo, quando o promotor público de Viana, Dr. Palmério Campos, fundou o Instituto D. Francisco de Paula, em 1929, teve na figura do chefe político o maior entusiasta e incentivador.

Em discurso pronunciado na Prefeitura Municipal, em 12/06/1929, após conclamar os professores pela causa da instrução da juventude local, Mundico Campelo assim se dirigiu aos jovens ali presentes: “a vós jovens vianenses, vós que sois a esperança da nossa pátria, eu concito-vos a que procureis aprender, para serdes felizes, e felizes fazerdes os vossos paes e a nossa pátria; e a vós paes de família, eu imploro com as mãos postas, como quem a Deus implora, que procureis ensinar os vossos filhinhos porque, quando todos os viannenses forem cultos, esta nossa querida Vianna será grande, imensamente grande, pois todos trabalharão uníssomos pela sua grandeza e pela sua prosperidade...” (A Época, nº 26, de 30/06/1929).

O funcionário público e pai de família – Fora da política, o coronel Campelo desempenhava a função de coletor estadual em Viana. Era também proprietário do engenho de cana-de-açúcar de Santarém, um dos primeiros a aderir à modernidade na região ao substituir a tração animal por energia motorizada.

Dedicado à família, era casado com Olívia Rosa Garcia Campelo, e pai de oito filhos, entre os quais se destacavam as professoras normalistas Faraíldes e Maria Raimunda, e os futuros generais do Exército: Lourival, Raimundo, Juracey e Florimar Campelo. Os dois últimos, José de Ribamar e Josafá Campelo, tornar-se-iam advogado e agrônomo respectivamente.

Em 1977, sob a administração do prefeito Walber Duailibe, esse vianense ilustre foi agraciado com nova homenagem. Com muita propriedade, uma das escolas da rede estadual em Viana recebeu a denominação de “Centro de Ensino Raimundo Marcelino Campelo.”



CARLOS ALBERTO PINHEIRO BARROS

★ Viana, 25/09/1947
† S. Luís, 26/10/2009

Carlos Barros era filho do ex-prefeito de Viana, Antonio da Rocha Barros e D. Maria da Anunciação Pinheiro Barros. Foi professor do curso de Economia da UFMA e exerceu, nos últimos anos, diversos cargos na administração pública como o de Diretor do Departamento de Desporto e Lazer (hoje Secretaria de Desportos e Juventude), de assessor, superintendente e secretário adjunto da Secretaria de Estado do Planejamento. Atualmente, trabalhava como assessor na Assembléia Legislativa do Estado.

Tendo nascido na Fazenda Boa Vista, município de Viana, Carlos Barros sempre foi um apaixonado pela terra natal, nunca esquecendo suas raízes. Participante de mo-

vimentos e campanhas políticas, era um entusiasta na defesa da cultura e da história de Viana. Participou de vários congressos culturais, promovidos pela Fundação Conceição do Maracu, e foi um grande incentivador da Academia Vianense de Letras.

Deixou viúva a Sra. Arlene Pereira Barros, filhos, netos, irmãos, sobrinhos e incontável número de amigos, principalmente vianenses.

Abaixo parte do texto de autoria de sua filha Rachel, lido em sua missa de 7º dia: Lutei ao nascer. Lutei para vencer. E, lutei para não morrer sem ver o meu tão sonhado sonho se realizar. Pobres daqueles que são políticos, Deus

ao me criar me fez um apaixonado.

Portanto, não me tenham, amigos, como um político, mas, sim, como um apaixonado pela tão sonhada terra onde nasci..

Quis fazer de Viana a morada dos desuses, pois entre ser ou não ser, preferi aqui viver. Uma pena que aqui não pude morrer.

Mas saibam, amigos, que cada pó que um dia virarei, o vento o levará para a tão sonhada terra onde me criei.

Como todos que receberam de Deus a graça da vida, aceitei também o dia que Ele resolveu me levar.

A todos os amigos, deixo minhas saudades eternas.

VIANA, UMA CIDADE MUSICAL

Ricarte Almeida Santos*

Há muito que a cidade de Viana me chama a atenção. E não é só por sua beleza arquitetônica, nem tão somente pela bela paisagem natural que a rodeia, cheia de verdes campos e lindos lagos. Embora esses dois atributos já fossem suficientes para despertar uma atenção especial em qualquer alma sensível. Mas o que também me chama muito a atenção em Viana é a musicalidade de sua gente.

É impressionante a quantidade de grandes músicos, instrumentistas, cantores, compositores, alguns renomados, outros anônimos, oriundos da pequena e histórica Viana, nas mais diferentes épocas. E isso fica mais evidente quando o assunto são os músicos de sopro – saxofonistas, clarinetistas, trombonistas, flautistas etc. Eu, como interessado por música instrumental, especialmente pelo Choro no Maranhão, sempre fiquei inquietado por tão expressiva força musical/instrumental daquela centenária cidade.

Os estudos do saudoso padre Mohana já apontavam essa vocação musical de Viana, ainda que muito possa se investigar sobre essa sua característica.

Esta semana, em função das enchentes que assolam o Maranhão, pude visitar a cidade e, além das ações de socorro aos desabrigados que empreendemos por lá, na condição de integrante da Cáritas Brasileira, pude constatar *in loco* essas reminiscências musicais de Viana.

Enquanto aguardávamos o carregamento de um caminhão com doativos aos desabrigados de Viana, pude verificar, bem em frente ao Armazém Santa Helena, a existência de uma pequena alfaiataria. Tipo de estabelecimento quase em extinção por lá e por aqui. Entrei e puxei conversa com o velho alfaiate, cercado de paletós, calças, camisas, que lentamente costurava uma nova peça.

Seu Joca, como é conhecido, me revelou que o ofício está quase desaparecendo em Viana, uma vez que os jovens de hoje não têm mais interesse em aprender a arte de costurar. Lamentava ele, ao dizer que em outros áureos tempos os inúmeros alfaiates vestiam toda a grã-fi-



Roda de músicos no coreto da Praça de São Benedito



O músico e alfaiate Joca

nagem da cidade para os muitos bailes de orquestras que animavam com grande frequência a, então, auspiciosa Viana. Eram muitas as orquestras, diversos eram os mestres de bandas por lá.

Seu Joca – na verdade seu nome é João Batista Franco – neto de Saturnino Franco, antigo clarinetista, com os olhos marejados d’água me confidenciou também ser um músico de sopro. Falou com enorme sau-

dade dos tempos dos muitos bailes que ajudava a animar e vestir, com os dois nobres ofícios que aprendeu. Tocar e costurar.

Espalhando sobre a mesa de cortar tecidos diversas fotos antigas de músicos e instrumentistas com quem tocou, me confidenciou com uma ponta de satisfação e bom orgulho, tocar todos os instrumentos de bocal, como trombone, pistom, bombardino, barítono e até tuba.

Falou sobre alguns músicos importantes da cidade que sempre incentivaram o ensino e a prática da música instrumental, a exemplo do mestre Astolfo, um velho saxofonista e clarinetista ainda vivo e dos professores Tarcísio e João Lobato. Os dois últimos ainda desempenham a tarefa quase missionária do ensino da música em Viana. Daí a continuidade dessa cultura musical na hoje modesta cidade.

Outra reminiscência da forte e saudosa musicalidade vianense encontrei bem ao lado da alfaiataria. Uma humilde casinha branca ostenta uma singela placa de metal com os seguintes dizeres: “ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS - Neste local existia a casa onde residiu o compositor Temístocles Lima, autor da música do Hino Vianense”. No mínimo, isso tudo revela que essa história de música em Viana tem um valor para sua gente, que é sua própria identidade.

Penso ser aquela cidade – e outras da Baixada – um acervo, um patrimônio musical preciosíssimo a ser investigado e pesquisado. Será tarefa de todos nós, estudiosos, militantes, músicos, agentes culturais, enfim, de todos os que querem compreender o passado, entender o presente e construir o futuro da nossa música.

Matéria publicada no blog www.ovianense.com

*Graduado em Ciências Sociais, Pós-graduado em Gestão Cultural, radialista, produtor e apresentador, desde 1991, do Programa Chorinhos e Chorões da Radio Universidade FM e Membro fundador do Clube do Choro do Maranhão

NOTA DA REDAÇÃO:

Dos 33 patronos já eleitos da Academia Vianense de Letras, seis são músicos, maestros, compositores ou cantores. São eles: Miguel Dias, Temístocles Lima, Onofre Fernandes, Raimundo Nogueira, João de Parma e a internacional Dilú Mello.

Sem falar nos titulares das Ca-deiras nº 16, 17 e 23, respectivamente: Rogério Du Maranhão, Raimundo José Nunes Mendonça (Seu Nunes) e Estêvão Maya-Maya. Todos os três dispõem de apresentação no campo da música.

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE



O artista e sua arte: acima um quadro de Viana onde se sobressai a Igreja Matriz e ao lado uma igrejinha da histórica Parati (RJ)



BOTELHO: DE VOLTA ÀS ORIGENS

De volta ao Maranhão pela segunda vez neste ano, para rever parentes e amigos, o artista plástico vianense Botelho aproveita também para fazer contatos, objetivando uma futura exposição de seus quadros em São Luís.

Raimundo Honório Botelho, que nasceu no povoado Estrada do Rafael, município de Viana, reside no Rio de Janeiro há muitos anos. Conceituado nas principais galerias cariocas e paulistas, o pintor já fez exposições em outras capitais brasileiras como Curitiba, Vitória e Fortaleza. No momento, sua meta é poder mostrar seus trabalhos na capital de seu Estado de origem, onde ainda é pouco conhecido do público maranhense.

Nessas vindas ao Maranhão, Botelho aproveita para dar uma esticada até Viana sempre que possível. Aliás, seu torrão natal é tema constante de inspiração, tendo já produzido várias telas com paisagens vianenses. Em 2002, fez doação de um quadro para ser rifado em prol da obra de recuperação do telhado da Igreja Matriz.

Vale ressaltar que Botelho já teve trabalhos comercializados até por galerias das cidades de Boston e Nova York, nos Estados Unidos.

VIANA NO ROMANCE

“CANAA” DE GRAÇA ARANHA

José Raimundo Santos*

Nascido em São Luís, no dia 21 de junho de 1868, José Pereira da Graça Aranha graduou-se pela Faculdade de Direito do Recife como era comum aos jovens filhos de famílias ricas da época. Ao ingressar na carreira diplomática, em 1898, mudou-se para a Europa, trabalhando em Paris e Londres por cinco anos consecutivos, até retornar ao Brasil em 1904. Foi nesse período (1902) que publicou *Canaã*, obra que lhe renderia enorme prestígio e o consagraria como um novo expoente das letras brasileiras.

Entretanto, sua projeção definitiva no meio literário nacional ocorreu, em 1922, ao participar da Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Em 1924, o escritor maranhense se envolveria em novo e polêmico episódio, ao romper com a Academia Brasileira de Letras, depois de pronunciar ali sua conferência sobre “O Espírito Moderno”, conferência esta que foi transformada em livro no ano seguinte.

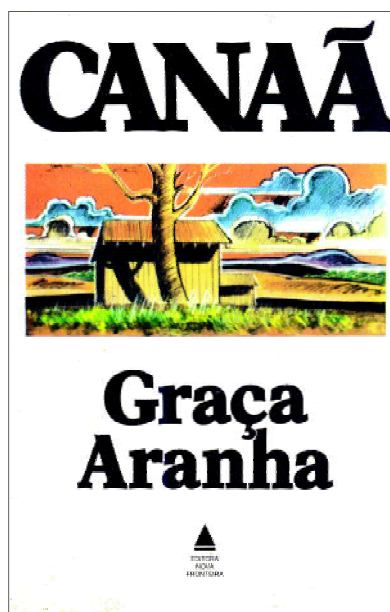
Graça Aranha era também dramaturgo e ensaísta. Em 1929, lançou um novo romance: *A Viagem Maravilhosa*. Ao falecer, em 26 de janeiro de 1931, aos 63 anos de idade, deixou incompleta uma autobiografia intitulada *O Meu Próprio Romance*.

Ao longo do último século, sua obra maior, *Canaã*, considerada pelos críticos como uma criação notável que funde tendências realistas e simbolistas, alcançou o status de um dos clássicos mais lidos da literatura brasileira.

Pirilampos vianenses - Fui tomado de grata surpresa ao descobrir que nossa cidade, Viana, embora não tenha seu nome registrado na célebre obra, foi o palco, no passado, de um fenômeno natural que serviria de inspiração para o autor de *Canaã*.



O escritor Graça Aranha



Capa da edição do livro, lançado pela Editora Nova fronteira

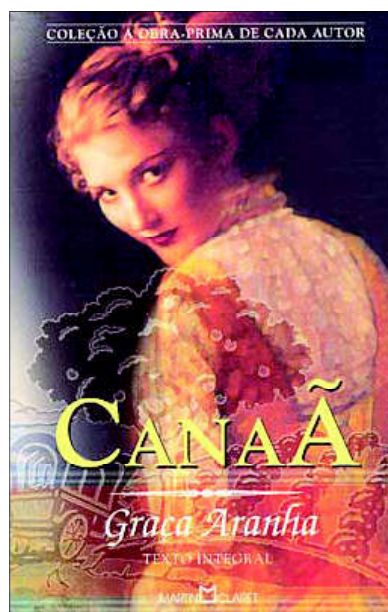
No artigo *Literatura e Geografia* (Maranhão – Um Tema para Antologia), publicado pela Revista *Geografia e História* (ano V, nº 5, São Luís, Maranhão, dez. 1954), escrito pelo intelectual Antônio de Oliveira, à página 68, consta o seguinte: *Em Canaã, Graça Aranha nos surpreende com a maravilhosa descrição de uma chuva de pirilampos, inspirada em narrativa que lhe fizera Antônio Lopes, que assistira ao fenômeno, em sua encantadora Viana, a princesa dos lagos.*

Sabe-se que Antônio de Oliveira foi discípulo do professor vianense Antônio Lopes, o que dá para presumir que o aluno tenha ouvido tal afirmação do próprio mestre em sala de aula.

Na tessitura da trama de *Canaã*, o autor utiliza o fenômeno que lhe foi descrito para colocar uma áurea de luz sobre o sofrimento da personagem “Maria Perutz” que, escoraçada e em fuga, vencida pelo cansaço, acaba adormecendo aos pés de uma árvore frondosa à beira da mata.

Páginas monumentais - Vale, portanto, a transcrição a seguir do belíssimo texto já referido, extraído do capítulo VII do romance (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 156-158):

“Os primeiros vaga-lumes começavam no bojo da mata a correr suas lâmpadas divinas... No alto, as estrelas miúdas e sucessivas principiavam também a iluminar... Os pirilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, e insensivelmente brotavam silenciosos e inumeráveis nos troncos das árvores, como se as raízes se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco foi vencida pelo sono; e deitada às plantas da árvore, começou a dormir... Serenavam aquelas primeiras ânsias da Natureza, ao penetrar no mistério



Outra edição de *Canaã*: a modelo da capa representa a personagem da imigrante Maria Perutz

da noite. O que havia de vago, de indistinto, no desenho das coisas transformava-se em nitidez. As montanhas acalmavam-se na imobilidade perpétua; as árvores esparsas na várzea perdiam o aspecto de fantasmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a fisionomia impassível. Os pirilampos já não voavam, e miríades e miríades deles cobriam os troncos das árvores, que faiscavam cravados de diamantes e topázios. Era uma iluminação deslumbrante e gloriosa dentro da mata tropical, e os fogos dos vaga-lumes espalhavam aí uma claridade verde, sobre a qual passavam camadas de ondas amarelas, alaranjadas e brandamente azuis. As figuras das árvores desenhavam-se envoltas numa fosforescência zodiacal. E os pirilampos se incrustavam nas folhas e aqui, ali e além, mesclados com os pontos escuros, cintilavam esmeraldas, safiras, rubis, ametistas e as mais pedras que guardam parcelas das cores divinas e eternas. Ao poder dessa luz o mundo era de um silêncio religioso, não se ouvia mais o agouro dos pássaros da morte; o vento, que agita e perturba se calara... Por toda a parte benfazeja tranquilidade da luz... Maria foi cercada pelos pirilampos que vinham cobrir o pé da árvore em que adormecera. A sua imobilidade era absoluta, e assim ela recebeu num halo dourado a cercadura triunfal; e interrompendo a combinação luminosa da mata, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de um esmeralda. Depois os vaga-lumes incontáveis cobriram-na, os andrajos desapareceram numa profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de pirilampos, dormindo imperturbável, como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa fantástica no céu, para um noivado com Deus... E os pirilampos

desciam em maior quantidade sobre ela, como lágrimas das estrelas. Sobre a cabeça dourada brilhavam reflexos azulados, violáceos e daí a pouco braços, mãos, colo, cabelos sumiam-se no montão de fogo inocente. E vaga-lumes vinham mais e mais, como se a floresta se desmanchasse toda numa pulverização de luz, caindo sobre o corpo de Maria até o sepultarem numa tumba mágica. Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça, abriu os olhos, que se deslumbraram. Pirilampos espantados faiscavam relâmpagos de cores... Maria pensou que o sonho a levava ao abismo dourado de uma estrela, e recaiu na face iluminada da Terra...

O silêncio da noite foi perturbado pelas primeiras brisas, mensageiros da madrugada. As estrelas abandonam o céu, os vaga-lumes vão se apagando medrosos e ocultando-se no segredo das selvas, enquanto os seus derradeiros lampejos na mata se misturam ao clarão do dia nascente, formando uma luz turva, indecisa, incolor...

[...] Abandonada pelos pirilampos, despedida das jóias misteriosas, Maria foi emergindo do sonho, e a sua inocência de todo o pecado, a sua perfeita confusão com o Universo acabou ao rebate violento da consciência. E a infatigável memória lembrou-lhe a agonia. Maria conheceu-se a si mesma. Arrancada pelo pavor dos perigos porventura passados naquele deserto, ergueu-se de um salto e partiu correndo. E enquanto atravessava a mata, apesar do medo que a tomara, na sua lembrança persistia um clarão, que lhe descia dessa miragem entrevista no espetáculo da noite misteriosa”.

Convém ressaltar ainda que Graça Aranha, neste romance, também prestigia o município de Cajapió com alguns parágrafos, destacando-se ali o personagem maranhense de nome “Joca” (p. 77-82).

Resta-nos agradecer ao escritor Graça Aranha tal contribuição à nossa cultura e à satisfação que nos deu em prestigiar a narrativa do conceituado professor Antônio Lopes, inserindo uma pequena faceta da natureza vianense na composição daquela que seria a terra prometida – *Canaã*.

*Engenheiro agrônomo, primeiro-tenente da Reserva da Polícia Militar do Maranhão e ex-presidente da Fundação Conceição do Maracá.

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000